

MARCUSE NO CONTEXTO DE UM JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

Edvaldo Pereira LIMA

(Professor da Escola de Comunicações e
Artes da USP)

São mais de vinte anos passados, desde que as obras mais conhecidas de Herbert Marcuse ganharam popularidade junto aos estudantes de países industrialmente avançados, estudantes que se valiam das críticas de Marcuse à civilização contemporânea para sustentar teoricamente muitas das posições que a juventude dos anos 60 já vinha assumindo, na prática. Na Paris de 1968, nas ruas de São Francisco, o pensamento de Marcuse era um componente comum ao universo da geração que buscava alternativas para a sociedade competitiva, castradora de nosso tempo, um componente que fazia parte do contexto onde gravitavam também a literatura de Jack Kerouac, o quadro das sopas Campbell de Andy Warhol, o cinema "underground" da Califórnia, a busca zen de Alan Watts, a música do Rolling Stones e as propostas - polêmicas - de Marshall McLuhan na análise da assim chamada comunicação de massa.

Marcuse era o cirurgião pensador, que com seu bisturi de lucidez intelectual cortava as carnes da civilização industrial de nosso tempo, exibindo suas entranhas e diagnosticando as mazelas que a era tecnológica trouxera ao homem, paradoxalmente em que ao mesmo tempo proporcionava-lhe um conforto jamais usufruído na história da habitação humana neste planeta. Era o filósofo que se debruçava sobre a realidade cotidiana para trazer à tona o sentido não muito claro do rumo que a sociedade pós-industrial vinha tomando, apontando seus viéses e o enorme preço que os indivíduos têm de pagar para obter as possíveis benesses deste tempo da opulência consumerista e do obsolescência planejado.

Fruto, ele próprio, de um contexto cultural suficientemente flexível para absorver até mesmo sua auto-crítica, Marcuse chegou ao Brasil um pouco mais tarde do grande impacto que causavam suas idéias na Europa abastada e nos Estados Unidos convulsionados sócio-culturalmente daquele período. Aqui, seu trabalho ganhou uma penetração mais reduzida, porém nem assim menos importante. Seu impacto foi mais suave, mas extremamente fecundo, em especial despertando o interesse intelectual nos meios acadêmicos da Comunicação Social, onde circulavam também, por essa época, as idéias de Umberto Eco, Edgar Morin, Roland Barthes, Charles Sanders Peirce, Norbert Wiener e - naturalmente - McLuhan. O estudo da comunicação engendrada pela indústria cultural alcançava uma primeira fase de boa abordagem científica, entre nós, em que pese a possibilidade de alguns enfoques algo distorcidos, pela adaptação - às vezes algo canhestras - dessas contribuições teóricas e metodológicas à nossa realidade.

No outro lado da questão, o aparato conceitual brasileiro para a abordagem da comunicação industrial se valia também de fontes mais antigas, desprovidas do prestígio olímpico que os anos 60 concederam à maioria dos autores citados no parágrafo anterior. Uma dessas fontes era a Escola de Frankfurt, pontificada pelo trabalho inicial de Adorno, Lowenthal, mais tarde pelo de Habermas, Benjamin e Enzensberger. Marcuse tem seu próprio trabalho conectado, em algum nível, à essa escola de pensamento que lança as bases para o desenvolvimento de uma sociologia da cultura de massa.

Mas, decorridos esses anos após o impacto social de Marcuse e da Escola de Frankfurt entre nós, parece-me importante não apenas considerar suas contribuições de um ponto de vista essencialmente histórico; parece-me também relevante situar parte de suas colocações num novo contexto de tempo e de espaço, com vistas não somente a uma recuperação do passado e nem tampouco objetivando uma simples limitação aos parâmetros desse caudal reflexivo, mas visando seu aproveitamento num âmbito específico - o da prática jornalística, - hoje, numa determinada faixa da imprensa brasileira - e numa direção que se estende para o futuro.

O que vai guiar este texto é uma tentativa de uma espécie de transmutação de parte das contribuições de Marcuse e da Escola de Frankfurt, buscando o aproveitamento de uma síntese que sirva aos propósitos de uma nova visão de jornalismo, não o jornalismo conservador, colocado no centro dos valores culturais e das correntes intelectuais em voga hoje no Brasil, mas um jornalismo de vanguarda e que terá um papel pioneiro de abrir novas comportas de consciência, romper fronteiras inexploradas, sugerir possibilidades por enquanto ignoradas, aplainar o terreno para a maturação,

num futuro não muito distante, de uma árvore que possa dar frutos mais condizentes com os velozes tempos mutantes deste final de século em que a civilização humana parece a um momento de doloroso balanço crítico de suas realizações, de síntese integradora entre seus diferentes rumos sócio-culturais e de contínua transmutação em direção ao amanhã, tendo como espada ameaçadora sobre a cabeça o espectro da guerra nuclear, a desestruturação do precário "equilíbrio" que rege as relações entre as classes sociais e entre os países, o debacle de todos os valores sociais hoje vigentes, as radicais alterações ecológicas provocadas pelo homem e até mesmo a possibilidade de extermínio da raça humana.

As bases iniciais para um novo jornalismo

Os princípios que abrem a discussão de uma nova proposta de jornalismo têm como base considerações sobre o momento histórico que atravessa a humanidade e sobre a necessidade de parte do universo jornalístico se voltar ao cumprimento de um papel vanguardeiro, no contexto de um grande esforço elucidador que contribua, em alguma medida, para o homem mergulhar mais lucidamente nas atribuições que nos aguardam no futuro próximo. O ponto de partida, pressuposto fundamental, é que o atual jornalismo, quanto ao seu conteúdo temático e quanto à profundidade de abordagem dos temas, pouco tem feito para refletir uma realidade mais ampla do que a cotidiana mostragem de lutas de poder que desfilam nas páginas dos veículos, nos telejornais e nos noticiários de rádio. O jornalismo está, em sua quase totalidade, preso a uma visão conservadora e míope da realidade, mesmo quando supõe assumir uma posição progressista.

Se o jornalismo vem desempenhando de maneira pobre esta sua desejada função de instrumento para o mergulho em um novo e extraordinário tempo de amplíssima consciência perceptora do homem, da sociedade e deste planeta que o abriga, torna-se necessário um gigantesco esforço delimitador de rumos para lançar as sementes que, no decorrer da dinâmica simbiose cultural característica dos processos atuais de transformação, dêem os frutos de uma realidade futura que não se sabe exatamente como será, mas que, com certeza, ganhará sua própria autonomia, desde que adequadamente regada enquanto ainda sujeita às intempéries destrutivas.

Na verdade, esta proposta não se trata de um "modelo de jornalismo" no sentido mais corriqueiro que compreende uma proposta ideológica, uma linha temática, um estilo definido de linguagem e um veículo onde praticar materialmente o modelo. Trata-se, essencialmente, isto sim, de

uma mentalidade conscientizadora cujo objetivo é lançar os pilares sustentadores de uma nova postura jornalística, porém valendo-se de todos os instrumentos e recursos já desenvolvidos para a prática jornalística, utilizando-se dos veículos existentes e se adaptando ao "know how" técnico de domínio dos atuais profissionais de imprensa.

Sua tendência é a de se tomar o menos institucionalizada possível, procurando ganhar um caráter muito solto e flexível. Não pode e não deve ganhar ares de uma "Escola de Jornalismo", pois a sua perpetuação como modelo seria a própria gangrena que destruiria sua vitalidade, corromperia sua adaptabilidade e destruiria seu caráter obrigatoriamente passageiro, ajustado a um momento histórico específico, de grande transformação; vencido esse momento, sua existência deixaria de ter sentido, surgindo então, naturalmente, outro modelo que desta proposta aproveitasse alguma coisa, mas seria um modelo melhor sincronizado com a realidade de então.

A prática do jornalismo teria como elementos componentes de suas mensagens narrativas os fatos, as situações e principalmente as idéias que girassem em torno dos seguintes objetivos:

1. A recuperação histórica da trajetória do homem no planeta, suas civilizações, suas conquistas, seus feitos, as correntes de pensamento que nortearam as diferentes fases dessa trajetória; a análise crítica e reflexiva dessa caminhada, buscando detetar o sentido mais profundo da mesma, diagnosticando seus males, seus erros e os prejuízos causados ao desenvolvimento do homem como ser e ao bem-estar dos eco-sistemas da Terra.
2. A revelação de rumos seguidos por grupos alternativos às correntes prevalecentes em determinados espaços e tempos históricos, e que indicavam a possibilidade de uma civilização mais adequada ao desenvolvimento do potencial humano total e ao progresso das condições de vida no planeta, em harmonia com a Natureza, bem como entre os povos.
3. A discussão, a indicação e a revelação de toda a tecnologia e de toda a arte existente hoje no mundo, de forma ativa, que precede os novos rumos que a humanidade poderá tomar num futuro próximo ou distante, sugerindo uma radicalmente nova concepção de vida, no seu aspecto social, cultural, econômico e político.
4. A exibição, sem preconceitos, das mais diferentes formas de pensamento, linhas de raciocínio e metodologia existentes no mais diferentes quadrantes do mundo, e que contribuam para a ampliação do conhecimento que o homem pode adquirir de si mesmo e do ambiente que o cerca, venha

esse conhecimento da assim chamada religião, da filosofia, da ciência, da arte ou de qualquer outro conjunto de técnicas captadoras da realidade e transmissoras das referências codificadas que representam essa mesma realidade.

5. A análise, na sociedade estabelecida, consumista e industrial de hoje, dos recursos que essa mesma sociedade desenvolveu e que podem ser aproveitados para uma nova visão de mundo.
6. A colocação clara, para o receptor, de que todas as formas de conhecimento e percepção da realidade são relativas e passíveis de falhas, já que dependem do aparato perceptivo do homem e das civilizações, aparato este, portanto, limitado por fatores históricos, culturais e tecnológicos.
7. A amostragem narrativa, descritiva e analítica do comportamento e atitude dos diferentes povos do mundo, suas condições específicas de adaptação ao meio-ambiente, indicando com isso o absurdo da presente divisão político-geográfica do mundo, que trata o planeta com metalidade tribal e separatista, quando na verdade ele hoje precisa ser encarado globalmente, sistemicamente.

Tal como vislumbro, esses objetivos começam a ser timidamente almejados, ao menos em parte e mesmo que seja algo inconscientemente, por publicações que ou se dedicam a mostrar o mundo no qual vivemos - como a *Revista Geográfica Universal* ou as revistas de bordo das companhias aéreas internacionais, como a *Scanorama* da SAS e até mesmo a *Ícaro* da Varig - ou abordam algo sensacionalisticamente novas formas de conhecimento - tal que faz a *Planeta*, digamos - ou ainda abrem espaço para a ciência de vanguarda e/ou alternativa - no estilo da americana *New Age*.

Mas essas tentativas iniciais, embora cumpram um bom papel pioneiro, não estão dotadas de uma perspectiva global mais bem definida em termos dos conceitos já expressos neste texto. Assim, no meu entender, torna-se necessário aproveitar as abordagens pioneiras que essas publicações realizam e colocá-las sob um prisma mais global. E também, no meu entender, a nova proposta jornalística que aqui se delineia nos seus contornos ainda bem iniciais, tem melhor possibilidade de um bom trabalho, para começar, no chamado jornalismo especializado, tanto nessa área de turismo e viagens já exemplificada, quanto no setor do jornalismo científico e mais particularmente, também, no jornalismo agrícola (pois torna-se indispensável uma revisão de como o homem vem administrando o processo de uso, posse e comercialização da terra).

O instrumental conceitual que vai nortear essa visão do mundo, nesta concepção jornalística, é eminentemente sistêmico. Sustenta-se nas

bases para uma nova civilização, harmônica, pacífica, integrada, em que os povos, países e nações formam um só todo. Sua ponta de lança, no campo científico, é a ecologia.

Mas não é, em absoluto, uma abordagem nostálgica, de retorno a um passado mitificador. É uma abordagem que recupera o passado, sim, mas extraindo dele o que possa ser útil a essa nova civilização e apontando o que foi nocivo. É muito mais um trabalho apontado ao futuro, tentando ser no jornalismo o que consegue ser, na literatura, o fabuloso trabalho de Doris Lessing com seu fantástico e grandioso romance "Shikasta", um apaixonante e crítico painel do drama do homem em busca de sua identidade, inaugurando um gênero híbrido que já foi - inadequadamente, creio, pois a abrangência do livro transcende essa categorização - chamado de "ficção espacial e sociológica".

Mas onde entram Marcuse e a Escola de Frankfurt?

Era preciso ter situado o contexto da proposta e alguns de seus parâmetros, para então poder explicar melhor a posição que eles ocupam, discutindo-as a seguir. Em primeiro lugar, creio que a Escola de Frankfurt, de maneira geral, tem um papel importante quando discute o caráter conformista da indústria cultural; se bem seja esta uma visão que se percebe, hoje, ter algumas limitações, pode ser útil ao examinar esse papel conformista da imprensa atual e sua ineficácia para desempenhar o papel que esta proposta delinea; em segundo, Marcuse, em particular, tem uma importância direta que sustenta o conceito básico de civilização que a proposta privilegia, de um lado, enquanto de outra é fundamental para se fazer o diagnóstico da doentia civilização industrial contemporânea. Mas temo que ambas as contribuições enquadram-se apenas - embora nem por isso sejam menos importantes - na questão do diagnóstico da época contemporânea, avançando pouco. Marcuse o faz, limitadamente, em direção a um prognóstico. Mas tudo isso merece uma abordagem maior.

Rumo à civilização de Eros e para além

A primeira contribuição, de Marcuse em especial, serve como respaldo conceitual e reflexivo ao objetivo número 1 desta proposta. Para a análise dos rumos que a nossa civilização vem tomando, o primeiro "insight" fantástico de Marcuse é sua constatação de que a tecnologia é, em si mesma, elemento componente de um sistema de dominação. Parodiando McLuhan, eu diria que a tecnologia é a mensagem. Ou, citando Marcuse: "o aparato

produtivo tende a tornar-se totalitário, no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. Oblitera, assim, a oposição entre existência privada e pública, entre necessidades individuais e sociais. A tecnologia serve para instituir formas novas, mas eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social". (Veja referência bibliográfica ao final do texto). Ou seja, não existe a neutralidade da tecnologia, que "não pode, como tal ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas". Mais ainda: "a sociedade industrial desenvolvida é um universo político, a fase mais atual da realização de um projeto histórico específico - a saber, a experiência, a transformação e a organização da natureza como o mero material de dominação". E, ao se desdobrar, o projeto "molda todo o universo da palavra e da ação, a cultura intelectual e material", formando uma espécie de totalitarismo voltado à produção de mercadorias, bens e serviços que condiciona, modela, força toda a sociedade contemporânea e a vida dos indivíduos que a compõem.

Parece-me extremamente oportuna essa colocação do filósofo, na medida em que esclarece algo que sentimos, talvez de uma maneira ainda algo difusa: o sistema político-econômico que rege o caminhar da civilização moderna está totalmente subjugado e a serviço dessa coisa monstruosa onde o que importa é a produção em larga escala, para isso conquistando a Natureza a qualquer preço, seja dela extraindo a matéria prima para a elaboração de produtos, seja para criar em determinados espaços dela as condições necessárias que permitam extrair as matérias primas provenientes desse mesmo espaço ou que possibilitem processar as matérias trazidas de outros espaços.

A idéia de conquista traz em si mesma uma conotação de violência. Ao invés de trabalhar em harmonia com a Natureza, respeitando seu ciclo alimentar, sua integração sistêmica, o homem rompe com essa cadeia funcional, desrespeita a si próprio, ao provocar a poluição que vai afetá-lo no futuro, trabalha contra si mesmo ao exaurir as condições de reprodução da Natureza.

Este comportamento depredatório provém, no aspecto psicológico, daquela impulsiva e cega necessidade do homem possuir, dominar, algo que fortalece seu ego, dando-lhe a falsa sensação de vencer seu maior inimigo: o medo da Morte (de que também fala Marcuse). No aspecto social, provém dessa tecnologia que é uma imposição bruta do homem sobre a Natureza. Ao invés das monstruosas e gigantescas usinas hidrelétricas, por exemplo, que causam prejuízos incalculáveis à fauna e flora dos rios e suas

margens, por que o homem não desenvolveu processos mais simples de produção elétrica, como aquela extraída dos ventos, das marés, dos "geisers"? Em lugar do poluente jato moderno, por que a tecnologia não tomou outro rumo e permitiu o desenvolvimento dos dirigíveis, cuja tecnologia hoje poderia estar altamente avançada e sem causar os mesmos danos que as aeronaves de hoje provocam na atmosfera?

Ora, o homem implantou essa "tecnologia pesada", necessariamente estabelecida sobre grandes dimensões. Ela faz girar a roda dos negócios, os grandes interesses econômicos - garantindo a encomenda de material pesado, digamos, provocando um círculo vicioso de produção e obsolescência planejada, mesmo que seja em detrimento das necessidades reais das nações e povos -, força e molda os sistemas políticos, determina os destinos de populações inteiras.

O que são, hoje, os países e as nações? Existem em realidade essas entidades, num sentido elevado e digno? Na verdade, são conceitos abstratos, falidos, para camuflar a realidade do que se tornaram: meros apêndices de um sistema de produção, sistema esse que tem em sua própria razão de ser - a desenfreada produção a qualquer preço - força o suficiente para direcionar as relações entre os assim chamados países, penetrando em todos os quadrantes do mundo e ganhando poderio para fazer valer a satisfação de seus interesses. Essa realidade, é bom que se frise, não é privilégio do capitalismo, pois a sociedade socialista - e especificamente a comunista - gira também em torno da questão da produção.

Ocorre, aqui, um típico fenômeno de inversão: os meios tornam-se os fins, sacrificando, dessa forma, o alcance de objetivos mais nobres para o homem. Assim, a ideologia da sociedade industrial está "no próprio processo de produção", como afirma Marcuse, pois "o aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz 'vendem' ou impõem o sistema social como um todo". A racionalidade da era tecnológica - para tomar um conceito do pensador - torna-se, na verdade, uma irracionalidade.

Surge em decorrência disso, o que Marcuse chama de "pensamento unidimensional", que é "sistematicamente promovido pelos elaboradores da política e seus provisionadores de informação em massa". Aí, a constatação do caráter conformista dos meios massivos de comunicação - conforme já delineado anteriormente por Adorno -, instrumentos veiculadores de uma ideologia que acaba forçando a conformação da Realidade à sua própria limitada condição de percepção, provocando novamente outro fenômeno de distorção. A arte, instrumento de percepção da realidade social, política, humana, acaba sucumbindo, "juntamente com outras formas de negação, ao processo de racionalidade tecnológica".

No plano do indivíduo, da pessoa humana, essa ideologia traduz-se em termos do que Marcuse chama de Princípio do Desempenho. Isto é, o conceito de produtividade transplantado para o âmbito do indivíduo, cujo "valor" é designado, socialmente, pela sua capacidade de produzir mais e melhor. Subverte-se, mais uma vez, o peso real das coisas. O ser humano perde sua condição de pessoa, de indivíduo que entre outras coisas também contribui com seu trabalho para o sistema produtivo e passa a ser meramente uma peça dessa engrenagem; ele tem importância na medida em que consegue adquirir um "know how" específico no sistema "educativo" que o permita introjetar-se no sistema de produção; tem importância enquanto capaz de formar uma família que vá consumir os produtos deste sistema e constituir outro conjunto de "peças" (pessoas) que insira, por sua vez, no sistema produtivo; tem importância enquanto consegue fazer funcionar sua participação nesse sistema e depois torna-se um indesejável quando, exaurido, para desempenhar seu papel aí.

Será essa a finalidade única e mais nobre do ser humano: produzir, consumir, produzir? Será esse seu valor, o de apenas uma peça mecânica numa linha de montagem voraz, insaciável e perenemente em expansão?

É então que entra outro conceito discutido por Marcuse, o do Princípio do Prazer, a manifestação livre e espontânea dos instintos humanos, liberando-se do caráter repressivo imposto por essa civilização tecnológica que aí está. Entra em cena o aspecto lúdico do homem, da satisfação prazerosa que inclui até mesmo a possibilidade do desempenho agradável do trabalho.

Eros é a força criadora e parece ser uma condição indispensável para o bem estar humano a expressão dessa força, materializada em termos do ato criador. Mas a criação só pode evoluir quando há espontaneidade, descompromisso com o resultado, quando há prazer; ou pelo menos, a criação só satisfaz a psique humana quando vem dotada dessa liberdade, caso contrário é uma satisfação pela metade, uma "satisfação adiada", conforme coloca Marcuse, pois o domínio da Natureza, que a sociedade industrial impõe, supõe também o domínio do homem para que este possa realizar o trabalho de domínio daquela...

Então, essa manifestação positiva, natural no ser humano, acaba sendo subjugada e canalizada para os objetivos da sociedade industrial, em cujo seio o princípio de realidade (o princípio do desempenho) governou o progresso da civilização ocidental. Aquela energia espontânea passa a ser dominada pela força de Thanatos, o princípio da supressão, da destruição, do

aniquilamento. O resultado dessa submissão é catastrófico para o indivíduo e para o planeta: neuroses, angústias, depredações do ambiente e da Natureza.

Uma das poucas válvulas de escape a esse estado de coisas é a arte, que conforme Marcuse, "desafia o princípio da razão predominante; ao representar a ordem da sensualidade, invoca uma lógica tabu - a lógica da gratificação, contra a da repressão". E como tudo na vida gira ao redor de duas polaridades específicas - a positiva e a negativa -, caberia também à civilização a procura do ajuste sistêmico (o equilíbrio) entre os dois princípios - Eros e Thanatos, o impulso para a Vida e o impulso para a Morte -, talvez colocando na produtividade (no sentido da necessária e sensatamente equilibrada transformação de matérias primas em bens e produtos) o sentido lúdico, prazeroso que a civilização industrial lhe nega, submetendo a "sensualidade à razão de tal modo que a primeira, se acaso logra reafirmar-se, o faz através de formas destrutivas e 'selvagens', enquanto a tirania da razão empobrece e barbariza a sensualidade".

O mundo, tal qual está, apresenta este aspecto feio do domínio castrador da espontaneidade criadora. Há, relativamente, poucas belezas nas nossas cidades modernas, em quase todas as partes do mundo; elas parecem, muito mais, um amontoado de coisas forçadamente colocadas juntas, com muito pouco senso estético. E quando há alguma beleza, ela provém, quase sempre, de um bastidor escuro e pouco honroso: a exploração do homem pelo homem, a conquista forçada da Natureza, dentro de um espaço funcional - nada mais são do que escravos (variando apenas o aspecto exterior dessa escravidão) desta compulsão frenética e esquizofrênica para produzir.

A solução - que também seria estimulada pela ação deste proposto novo jornalismo - é indicada pelo próprio Marcuse e aí se percebe um dos motivos pelo qual ele foi tão bem aceito pela contracultura e por comunidades experimentais dos anos 60: a introjeção do impulso lúdico no trabalho, a ampliação do espaço estético e sua introdução espontânea nas atividades corriqueiras do dia-a-dia.

Por esse caminho, é provável que se conseguiria subverter a ordem estabelecida das coisas, mudando - de dentro para fora - a marca indelével (por enquanto) desta assim chamada civilização cristã ocidental que trouxe contornos para a face do mundo nesses últimos 500 anos. Pois "o jogo e a exibição, como princípios de civilização, implicam não só a transformação do trabalho, mas a sua completa subordinação à livre evolução das potencialidades do homem e da natureza". Essa cultura não-repressiva se construiria

sobre o alicerce do "estabelecimento de uma nova relação entre os instintos e a razão", harmonizando-os: "libertos da tirania da razão repressiva, os instintos tendem para relações existenciais livres e duradouras, isto é, geram um novo princípio da realidade".

Como se vê, não são poucas as contribuições de Marcuse para a construção de um embasamento teórico e conceitual ao primeiro objetivo deste novo jornalismo. Sua ideologia, neste aspecto, consistiria na crítica aos rumos da civilização industrial e no estímulo à ampliação do senso estético, de um lado, à implantação generalizada da prática lúdica, do lado complementar. Mas a proposta não se detém aí, avança noutros rumos, exploraria terrenos mais avançados, pois a detenção no aspecto da liberação de Eros seria pouco mais do que inverter as polaridades e estaríamos então nas garras de um retrocesso e re-inversão cíclica, em outro momento histórico. A meta é fazer referência ao mais além, ao encontro do que poderá vir após a saciação do prazer. Com coragem e zelo, deveria-se explorar outras possibilidades, buscar nas mais diferentes fontes os instrumentos que levassem o homem a este ideal de atuação consciente na Natureza e consigo próprio, uma consciência de Vida e não pseudo, horrenda e míope "consciência" de Morte que ora impera.

Na verdade, este novo jornalismo não assume posição superior ao que ele é. Não se coloca na condição de mágica solucionadora de tudo. Coloca-se, isto sim, na simples condição de instrumento capaz de fazer referências a essas possibilidades, como lembretes de que há outros caminhos e como agente auxiliar de um processo de transformação radical que fatalmente servirá de ponto para uma nova civilização.

Mas, o que será essa civilização, a própria condição mutante da Vida definirá, no seu devido tempo. O novo jornalismo apenas contribuiria ao desencadear de ações que levariam, em última instância, à maturação de novos horizontes. E, por outro lado, o próprio projeto não deve e não pode ser encarado como coisa excessivamente estática ou demasiadamente séria; essa seriedade destrutiva, rígida e dominante que campeia no mundo é um dos fatores responsáveis por perpetuar o princípio do desempenho. Então, o próprio projeto, além de reunir condições para a mutação flexível no decorrer de sua execução, assume uma certa componente lúdica, como se fosse um instrumento de meta-linguagem vestindo o traje daquela significante ao qual faz menção em sua mensagem.

E, por último, resta concordar com uma revisão crítica da Escola de Frankfurt, feita pelo belga Jean Lohisse: se Adorno estava correto, naquele momento histórico inicial, em vislumbrar nos meios massivos de comuni-

cação apenas um papel conformista e conservador, avanços posteriores conseguiram indicar que em meio ao oceano conformador, também flutuam algumas ondas independentes que pronunciam a possibilidade de novas praias e novas costas. É nessa faixa de ondas que se encaixa, felizmente, alguma possibilidade para o caráter transformador desta proposta de um novo, revolucionário e lúdico jornalismo, cujo alcance último é de determinar, no horizonte, o germinar de uma radicalmente nova civilização do homem nesta Terra que o abriga.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. "A indústria cultural" e "Televisão, consciência e indústria cultural". In: COHN, Gabriel, org. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1977.
- LESSING, Doris. *Shikasta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- LIMA, Edvaldo Pereira. "O jornalismo impresso e a Teoria Geral dos Sistemas: um modelo didático de abordagem". Dissertação de Mestrado. Departamento de Jornalismo e Editoração, ECA/USP, 1982.
- _____. *Colômbia espelho América: dos piratas a García Márquez; viagem pelo sonho da integração latino-americana*. São Paulo: Perspectiva e Edusp, 1989.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- _____. *Eros e civilização; uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1977.